

ABORDAGENS SOBRE EDUCAÇÃO ÉTICA E HUMANA: PRINCÍPIOS E FUNDAMENTOS FILOSÓFICOS

Renata Chagas de Souza, Aduino Lopes da Silva Filho***

RESUMO

Atualmente, o neoliberalismo se estrutura como uma poderosa força ideológica que permeia diversos âmbitos da sociedade, tendo como princípios o individualismo e a competitividade. Isso afeta não apenas as relações econômicas, mas também exerce influência sobre as práticas sociais, inclusive na educação, que não fica imune às transformações provocadas por essa ideologia. Neste ponto, destacamos a questão da ética no sentido de que, uma vez que a dimensão ética da educação se refere aos valores, princípios e ideais que norteiam a formação humana dos indivíduos, podemos indagar quais fundamentos filosóficos são basilares para esse entendimento. Partindo dessa questão, o presente trabalho tem como objetivo explorar conceitos filosóficos que tragam subsídios sobre as questões éticas que permeiam a educação. Esta pesquisa, de caráter teórico e qualitativo, tem como base o método dialético, cuja fundamentação se centra no pensamento dos filósofos Immanuel Kant, Theodor Adorno e Antonio Gramsci, que lançam luz sobre uma educação ética, emancipatória e transformadora.

Palavras-chave: educação; emancipação; ética; transformação.

* Mestranda em Educação pela Universidade Federal do Ceará (UFC). Especialista em Semiótica Aplicada à Literatura e Áreas Afins pela Universidade Estadual do Ceará (UECE). Professora efetiva da Secretaria Municipal de Educação de Fortaleza (SME). ORCID: <https://orcid.org/0009-0000-7860-2448>. Correio eletrônico: profarenatas@gmail.com.

** Doutor em Educação pela Universidade Federal do Ceará (UFC). Mestre em Filosofia pela Universidade Federal da Paraíba (UFPB). Graduado em Filosofia pela Faculdade de Filosofia de Fortaleza (FAFIFOR). Professor do Programa de Pós-Graduação (Mestrado e Doutorado) em Filosofia e em Educação, ambos da UFC. Líder do Grupo de Pesquisa Teoria Crítica, Filosofia e Educação. ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-9061-840X>. Correio eletrônico: adautoufcfilosofia@gmail.com.

**APPROACHES TO ETHICAL AND HUMAN EDUCATION:
PRINCIPLES AND PHILOSOPHICAL FOUNDATIONS**

ABSTRACT

Currently, neoliberalism is structured as a powerful ideological force that permeates various spheres of society, grounded in the principles of individualism and competitiveness. This affects not only economic relations but also influences social practices, including education, which is not immune to the transformations brought about by this ideology. In this context, we highlight the issue of ethics, considering that the ethical dimension of education refers to the values, principles, and ideals that guide the human formation of individuals. This raises the question: what philosophical foundations are essential to this understanding? Based on this inquiry, the present study aims to explore philosophical concepts that provide insights into the ethical issues underlying education. This theoretical and qualitative research adopts a dialectical method, drawing on the thought of philosophers Immanuel Kant, Theodor Adorno, and Antonio Gramsci, whose perspectives shed light on an ethical, emancipatory, and transformative education.

Keywords: *education; emancipation; ethics; transformation.*

**ENFOQUES DE LA EDUCACIÓN ÉTICA Y HUMANA:
PRINCIPIOS Y FUNDAMENTOS FILOSÓFICOS**

RESUMEN

Actualmente, el neoliberalismo se configura como una poderosa fuerza ideológica que atraviesa diversos ámbitos de la sociedad, sustentándose en los principios del individualismo y la competitividad. Esto afecta no solo las relaciones económicas, sino que también influye en las prácticas sociales, incluida la educación, la cual no permanece inmune a las transformaciones provocadas por dicha ideología. En este contexto, se destaca la cuestión de la ética, entendida como la dimensión de la educación que se refiere a los valores, principios e ideales que orientan la formación humana de los individuos. A partir de ello, surge la pregunta: ¿cuáles son los fundamentos filosóficos esenciales para comprender esta

dimensión? Con base en esta problemática, el presente trabajo tiene como objetivo explorar conceptos filosóficos que aporten elementos para reflexionar sobre las cuestiones éticas que atraviesan la educación. Esta investigación, de carácter teórico y cualitativo, se fundamenta en el método dialéctico, apoyándose en el pensamiento de los filósofos Immanuel Kant, Theodor Adorno y Antonio Gramsci, cuyas ideas iluminan una educación ética, emancipadora y transformadora.

Palabras clave: educación; emancipación; ética; transformación.

1 INTRODUÇÃO

O homem contemporâneo é produto de uma multiplicidade de fatores que incluem sua cultura, história, economia, política, ambiente, educação, experiências pessoais, dentre outros aspectos. Nesse contexto, diante da remodelagem dos territórios pós-guerras mundiais, da supervalorização da tecnologia, de uma economia de mercado que busca o lucro máximo e de sistemas políticos que, apesar de serem, em sua maioria, pautados em princípios democráticos, são fortemente influenciados por princípios econômicos. Sobre essas questões foram desenvolvidas, ao longo do tempo, várias discussões acerca da postura do homem e de suas relações sociais com o modo de produção capitalista.

A relação entre o neoliberalismo e a educação tem sido objeto de intensos debates e reflexões nas mais diversas esferas da sociedade. A influência dos ditames de um sistema econômico nas práticas pedagógicas tem gerado discussões sobre os seus efeitos e suas consequências para o processo educativo. Dessa forma, o presente trabalho tem como objetivo explorar conceitos filosóficos que tragam subsídios para questões éticas que permeiam a educação. A dimensão ética da educação refere-se aos valores, princípios e ideais que norteiam as ações educacionais, bem como à formação integral dos indivíduos, os quais se opõem aos princípios e valores do sistema neoliberal, que enfatiza o individualismo, a competição e a instrumentalização do conhecimento.

Para isso, recorreremos aos princípios éticos de Immanuel Kant, formulados sob a égide do esclarecimento humano, na sua obra *Sobre a pedagogia* (1999). Nela o filósofo iluminista aborda questões pertinentes à educação, ressaltando a formação moral, autônoma e racional dos indivíduos. Nesta obra, Kant defende a educação como caminho para uma formação que concilie disciplina e liberdade, visando à autonomia moral e à cidadania.

Revisitamos, igualmente, um dos expoentes da Teoria Crítica, Theodor Adorno, na obra *Educação e emancipação* (1995), por meio da qual o autor defende uma educação crítica e emancipatória capaz de retirar o homem do estado de barbárie, opressão e autoritarismo.

Da mesma forma, as ideias de Antonio Gramsci, em *Os intelectuais e a organização da cultura* (1982), coadunam-se com as teorias filosóficas mencionadas ao relacionar a educação e a cultura como ferramentas essenciais para uma transformação moral, social e política.

2 IMMANUEL KANT E A ÉTICA NA EDUCAÇÃO

Immanuel Kant nasceu em Königsberg, cidade da antiga Prússia Oriental, em 1724. Foi um dos filósofos mais proeminentes do Iluminismo. Em sua formação, foi influenciado pelo pietismo, movimento religioso, firmado na doutrina luterana, sendo uma reação a esta, que tinha por princípios o reconhecimento das experiências individuais no estudo bíblico, uma postura austera, livre das influências do mundo material, e o aperfeiçoamento de uma moralidade devota. Essa postura moral e austera está intrinsecamente ligada à sua filosofia, inclusive no que diz respeito aos princípios educativos nos escritos de sua obra *Sobre a pedagogia*.

No seu ensaio *Resposta à pergunta: o que é esclarecimento?*, publicada em 1803, cuja tradução que estamos utilizando aqui é a de 1985, o pensador iluminista propõe uma série de reflexões acerca da autonomia e da maioridade do sujeito, o que remete a uma educação ética, destacando objetivos fundamentais para o desenvolvimento do potencial humano. Nesse sentido, o ensaio nos remete a um importante conceito kantiano: o de Esclarecimento (*Aufklärung*), segundo o qual o indivíduo transpõe o estado de menoridade, no qual se encontra tutelado por outrem, para um estado de maioridade, em que se servirá de autonomia para realizar suas vontades. Assim afirma Kant (1985, p. 100):

esclarecimento é a saída do homem de sua menoridade, da qual ele próprio é culpado. A menoridade é a incapacidade de fazer uso de seu entendimento sem a direção de outro indivíduo. O homem é o próprio culpado dessa menoridade se a causa dela não se encontra na falta de entendimento, mas na falta de decisão e coragem de servir-se de si mesmo sem a direção de outrem. *Sapere aude!* Tem coragem de fazer uso de teu próprio entendimento, tal é o lema do esclarecimento.

Dessa forma, o filósofo indica que os seres humanos não nascem prontos, perfeitos ou acabados para a vida em sociedade, mas são criaturas inacabadas, que precisam de educação para se tornarem seres racionais, morais e independentes. Para ele, a educação deve orientar o homem, que sai de um estado de animalidade em direção à autonomia e à liberdade. É por meio da educação que o homem sai da menoridade e atinge a maioridade, diferenciando-se, assim, dos animais, cujos instintos os projetam para uma plena sobrevivência. Nos estudos kantianos, o processo formativo do homem é compreendido como “[...] cuidado de sua infância (a conservação, o trato), a disciplina e a instrução com a formação” (Kant, 1999, p. 11). Desse modo, podemos compreender que a educação kantiana se dá desde a primeira infância, na qual o homem se encontra em um estado sem consciência ou razão, necessitando de uma transformação para que possa exercer suas faculdades de forma plena.

Neste ponto, a disciplina atua de forma decisiva para esta transformação, pois “a disciplina transforma a animalidade em humanidade” (Kant, 1999, p. 12). O autor ressalta que a educação tem início com a disciplina – não no sentido coercitivo, mas garantindo que a criança aprenda a controlar seus instintos e impulsos naturais. A disciplina, no entanto, deve ser acompanhada de uma orientação racional, para que o sujeito em formação aprenda a usar sua autonomia e liberdade de maneira consciente.

Essa orientação racional se projeta na instrução e na formação moral, as quais se encontram imbricadas no processo educativo kantiano. Entende-se por instrução, na concepção de Kant, a aquisição de conhecimento ou a cultura que é repassada de um indivíduo para outro. Neste aspecto, o filósofo da autonomia moral coloca a disciplina acima da instrução, pois “a falta de disciplina é um mal pior que falta de cultura, pois esta pode ser remediada mais tarde, ao passo de que não se pode abolir o estado selvagem e corrigir um defeito de disciplina” (Kant, 1999, p. 16).

Já em relação à formação moral, Immanuel Kant (1999) observa que, a partir do processo educativo, o homem pode desenvolver seu caráter moral, isto é, sua capacidade de agir de acordo com a razão e com os princípios universais do dever. A educação moral, para o autor, consiste em ensinar a criança a reconhecer e seguir leis morais universais que não estejam alicerçadas em seus interesses ou inclinações particulares, mas que possam ser aplicadas a uma coletividade que comunga a racionalidade. Aqui a coletividade ganha destaque no desenvolvimento do ser humano, pois o educador acredita que o processo educativo é uma responsabilidade comunitária, necessária para o avanço progressivo da humanidade. Nesse sentido, Kant (1999, p. 9) afirma que

a educação é uma arte, cuja prática necessita ser aperfeiçoada por várias gerações. Cada geração, de posse dos conhecimentos das gerações precedentes, está sempre melhor aparelhadas para exercer uma educação que desenvolva todas as disposições naturais na justa proporção e de conformidade com a finalidade daquelas e, assim, guie toda a humana espécie a seu destino.

O filósofo também defende o papel da prática no processo educativo, uma vez que a criança pode aprender não só por meio da instrução, mas também através do exemplo, observando o comportamento moral dos mais experientes. Contudo, o autor adverte que a prática isolada não garante o sucesso da aprendizagem, pois é necessário que o infante também aprenda a refletir sobre seus atos e suas consequências. Assim, Kant (1999, p. 21-22) postula que

os pais, os quais já receberam uma certa educação, são exemplos pelos quais os filhos se regulam. Mas, se estes devem tornar-se melhores, a pedagogia deve tornar-se um estudo; de outro modo, nada se poderia dela esperar e a educação seria confiada a pessoas não educadas corretamente.

Kant também faz a distinção entre dois tipos de educação: a privada e a pública. A educação privada é aquela que se dá no meio doméstico, enquanto a pública é aquela em que a instrução será aplicada. O filósofo evidencia que a educação privada, por refletir interesses particulares, pode não ser a melhor opção, uma vez que relega a um segundo plano a formação moral do indivíduo. Nesse caso, “a educação doméstica, além de engendrar defeitos do âmbito familiar, os propaga” (Kant, 1999, p. 32). Sob esse viés, o processo educativo integral do homem se dará na esfera da educação pública, que consiste na união entre a aquisição do conhecimento e a formação moral (Kant, 1999). O autor ressalta que esse tipo de educação está sob a tutela do Estado e que visa ao bem comum, preparando o cidadão para a vida em sociedade¹.

Isso nos leva a um importante princípio pedagógico pontuado por Kant (1999) que diz respeito a uma prática formativa no sentido de preparar o indivíduo para “um estado melhor”. Uma vez que as forças neoliberais no sistema educacional da atualidade se apresentam como uma realidade castradora das potencialidades humanas, a educação deve ser apresentada como uma alternativa a essa realidade, superando-a e não reproduzindo estruturas corrompidas. O autor da obra *Sobre a pedagogia*, inclusive, observa a manipulação da força dos súditos pelos

¹ Podemos comparar aqui com a Escola Unitária, defendida por Gramsci, no sentido de ser proporcionada pelo Estado ético e educador. Veremos essa questão mais adiante.

seus senhores unicamente para servir aos seus interesses, sem qualquer preocupação com seu desenvolvimento humano e integral: “no máximo desejam que eles tenham um certo aumento de habilidade, mas unicamente com a finalidade de poder aproveitar-se dos próprios súditos como instrumentos mais apropriados aos seus desígnios” (Kant, 1999, p. 25). Situação essa que, fatidicamente, ainda enfrentamos na contemporaneidade, apenas revestida com outra roupagem político-econômica.

Assim, Monteiro e Lopes (2013) postulam que, mesmo após séculos, os escritos de Immanuel Kant ainda são atuais, pois seus princípios e conceitos sobre virtude e moralidade são basilares para a formação integral e humana do cidadão.

3 THEODOR ADORNO, UMA EDUCAÇÃO LIVRE DA BARBÁRIE

Theodor Ludwig Wiesengrund-Adorno nasceu em Frankfurt, Alemanha, em 1903. Em sua formação, podemos citar as áreas da filosofia, sociologia, psicologia e música, na Universidade de Frankfurt, onde conheceu as principais influências de sua teoria filosófica: Max Horkheimer e Walter Benjamin. Theodor Adorno integra a chamada Teoria Crítica trabalhada pela Escola de Frankfurt, formada por diversos intelectuais de áreas distintas, que têm como princípios fundamentais as investigações críticas, sociopolíticas e econômicas de Karl Marx. A Teoria Crítica emerge dentro do contexto de ascensão do nazismo, o que também foi preponderante para as formulações do pensamento de Adorno (Nobre, 2004).

A partir do entendimento de que é por meio da educação que o homem pode transcender um estado de barbárie, Theodor Adorno, em *Educação e emancipação* (1995), traz à luz a necessidade de uma constante reflexão sobre a realidade circundante, para que situações de irracional brutalidade, como as de Auschwitz, não sejam reproduzidas. Nas palavras do autor: “a exigência que Auschwitz não se repita é a primeira de todas para a educação” (Adorno, 1995, p. 119).

O intelectual frankfurtiano explora conceitos-chave, como barbárie e desbarbarização (Adorno, 1995), para uma reflexão crítica sobre o papel da educação, da cultura e da sociedade no contexto pós-moderno, especialmente após a experiência traumática do regime nazista e da Segunda Guerra Mundial. Aqui, podemos compreender que “[...] a barbárie existe em toda parte em que há uma regressão à violência física primitiva, sem que haja uma vinculação transparente com objetivos racionais na sociedade, onde exista, portanto, a identificação com a erupção da violência física” (Adorno, 1995, p. 159). Dessa forma,

podemos entender o conceito de barbárie não apenas como ausência de civilidade, em seu sentido tradicional, mas como um retrocesso dos valores éticos e morais das sociedades modernas. A barbárie pode ser, então, caracterizada pela desumanização e pela contribuição para o surgimento de sistemas totalitários que culminaram em formas extremas de violência e repressão, como o Holocausto. Deve-se, portanto, promover a desbarbarização da sociedade por meio da instrução crítica, superando a barbárie para a promoção de uma verdadeira civilização. Nesse sentido, Adorno (1995, p. 155) destaca o que segue:

[...] estando na civilização do mais alto desenvolvimento tecnológico, as pessoas se encontram atrasadas de um modo peculiarmente disforme em relação a sua própria civilização — e não apenas por não terem em sua arrasadora maioria experimentado formação nos termos correspondentes ao conceito de civilização, ruas também por se encontrarem tomadas por uma agressividade primitiva, um ódio primitivo ou, na terminologia culta, um impulso de destruição, que contribui para aumentar ainda mais o perigo de que toda esta civilização venha a explodir, aliás uma tendência imanente que a caracteriza.

A desbarbarização é a resposta que Adorno propõe para refrear o estado da barbárie. Isso implica um processo de educação crítica que não se limita apenas à transmissão de conhecimento, mas também favorece um ambiente que estimule a reflexão crítica, promovendo a emancipação do indivíduo. Assim, Adorno compreende a educação ética como um meio adequado para capacitar indivíduos a questionarem as relações de poder que permeiam a sociedade, visando promover mudanças nas estruturas sociais.

Nesse ponto, o teórico nos apresenta outro conceito importante para a compreensão do uso da razão: o da razão instrumental. Na obra *Dialética do esclarecimento*, Adorno e Horkheimer (1985) demonstram como o Esclarecimento, que libertaria o homem da superstição e da ignorância, terminou por se tornar um mecanismo de controle. A razão instrumental é, pois, a racionalidade empregada para a eficiência e controle dos meios sem o questionamento de sua finalidade. Desse modo, os autores explicitam o seguinte:

o que os homens querem aprender da natureza é como empregá-la para dominar completamente a ela e aos homens. Nada mais importa. Sem a menor consideração consigo mesmo, o esclarecimento eliminou com seu cautério o último resto de sua própria autoconsciência (Adorno; Horkheimer, 1985, p. 20).

Logo, os autores criticam a redução da razão a um mero instrumento de domínio e controle, argumentando que os homens buscaram o conhecimento da natureza não mais para uma compreensão desta, mas para usá-la com fins de dominação, estendendo seu domínio do mundo natural para a sociedade e eliminando traços éticos e morais outrora pregados pelo

Iluminismo. Também podemos observar um ponto crucial: a eliminação da autoconsciência. O esclarecimento, ao se dispor em favor da dominação, expurgou o último vestígio de uma reflexão crítica sobre si mesmo. A autoconsciência é, portanto, uma habilidade da qual a razão desfruta para refletir sobre seus limites e propósitos. Assim “[...] o esclarecimento comporta-se com as coisas como o ditador se comporta com os homens. Este conhece-os na medida em que pode manipulá-los” (Adorno; Horkheimer, 1985, p. 24). Aqui, os autores evidenciam o uso instrumental da razão, que transforma o indivíduo em objeto de manipulação, tornando o conhecimento, que deveria ser um caminho de compreensão e libertação, em uma forma de controle e subjugação.

Já em *Educação e emancipação*, Adorno (1995, p. 161) ressalta, ainda sobre o uso da razão, que não se trata apenas de um simples questionamento, pois “a reflexão pode servir tanto à dominação cega quanto ao seu oposto. As reflexões precisam, portanto, ser transparentes em sua finalidade humana”.

Na educação contemporânea, podemos observar a influência de princípios neoliberais que pressionam o indivíduo a um estado de aceitação do *statu quo* ou de ideais hegemônicos que têm por objetivo suplantar a capacidade de reação contra tal estrutura. Dessa forma, Adorno (1995) também chama a atenção para o conceito de emancipação em uma sociedade democrática. O pensador expõe o conceito, sob a ótica do entendimento kantiano, acerca do “esclarecimento”. Nesse sentido, o esclarecimento serve à emancipação do homem, buscando libertá-lo do obscurantismo, da superstição e do mito. Adorno (1995) retorna ao conceito kantiano de maioridade, no qual o homem se vale de seu próprio conhecimento nas suas escolhas, tomando como exemplo a democracia, na qual prevalece a vontade do indivíduo. Afirma ainda Adorno (1995, p. 169) o seguinte:

a democracia repousa na formação da vontade de cada um em particular, tal como ela se sintetiza na instituição das eleições representativas. Para evitar um resultado irracional é preciso pressupor a aptidão e a coragem de cada um em se servir de seu próprio entendimento.

Sob essa perspectiva, podemos entender que a emancipação e a educação crítica são fundamentais para uma atitude ativa do cidadão, de forma consciente, frente às estruturas opressivas da sociedade. Adorno propõe, então, uma razão crítica com potencial emancipador, em oposição à razão instrumental, empregada para o controle e a submissão. A emancipação se encontra, portanto, intrinsecamente vinculada à educação, uma vez que esta pode desenvolver a capacidade crítica e reflexiva dos indivíduos. Dessa forma, a prática

educacional, em direção a uma formação crítica e ética, deve ser diversificada e inclusiva, para que nela o sujeito possa atingir a emancipação, libertando-se do conformismo e da alienação. Por fim, podemos citar o alerta que Adorno (1995, p. 85) faz, na obra *Educação e emancipação*, sobre a resistência à emancipação do homem imposta pela sociedade atual:

quero atentar expressamente para este risco. E isto simplesmente porque não só a sociedade, tal como ela existe, mantém o homem não-emancipado, mas porque qualquer tentativa séria de conduzir a sociedade à emancipação – evito de propósito a palavra "educar" – é submetida a resistências enormes, e porque tudo o que há de ruim no mundo imediatamente encontra seus advogados loquazes, que procurarão demonstrar que, justamente o que pretendemos encontra-se de há muito superado ou então está desatualizado ou é utópico.

O filósofo evidencia, por meio dessa reflexão, que podemos observar as forças conservadoras que procuram deslegitimar as tentativas de transformações, aplicando a estas adjetivos como ultrapassadas ou idealizadas, ou seja, impossíveis de serem atingidas, minando qualquer esforço ou vontade dos indivíduos que buscam a emancipação humana. Esse cenário sugere que a verdadeira transformação ou a emancipação só será concretizada, na visão de Theodor Adorno, quando o indivíduo enfrentar sua própria impotência em relação ao *statu quo* vigente.

10

4 GRAMSCI: CONCEPÇÕES PARA UMA DIMENSÃO ÉTICA DA EDUCAÇÃO

Antonio Sebastiano Francesco Gramsci foi uma figura proeminente do cenário político italiano no início do século XX, atuando em diversas áreas, como História, Filosofia e Filologia, mas foi nas Ciências Políticas que seu nome ganhou destaque. Antonio Gramsci nasceu em 1891, em Ales, Sardenha, uma região agrária da Itália, onde, segundo Almeida (2020), os trabalhadores sofriam a opressão dos grandes latifundiários. A literatura marxista e a Revolução Russa apresentaram-se, neste ponto, como influências determinantes para a formulação teórica de Gramsci, desenvolvida em seus escritos jornalísticos e nos chamados *Cadernos do cárcere* (1929-1935), produção realizada durante seu encarceramento durante o regime fascista de Benito Mussolini.

A concepção política de Antonio Gramsci, bem alicerçada nos escritos de Karl Marx, revisita e amplia conceitos marxistas, a partir dos quais propõe uma teoria política que engloba uma organização social e cultural, cujos princípios pedagógicos preconizam uma educação integral e humanística. Sob esse aspecto, a educação e a cultura figuram como elementos centrais na teoria gramsciana, pois refletem espaços essenciais na luta pela

hegemonia. No início da atuação do filósofo junto ao Partido Socialista Italiano (PSI), Coutinho (1992, p. 8) nos revela a preocupação do ainda jovem intelectual com a formação cultural de seus companheiros ao fundar, em 1917, o “Clube da vida moral”, cujo principal intento era o de

[...] promover debates intelectuais que eduquem moral e culturalmente os jovens socialistas. Os debates - orientados por Gramsci – destinavam-se quase sempre a desenvolver a personalidade moral dos integrantes do clube, contribuindo para que superassem o individualismo e adquirissem uma consciência do valor da solidariedade humana. Gramsci via esse desenvolvimento da personalidade como um pressuposto ético do socialismo integral que queria construir.

Assim, Coutinho demonstra que a revolução socialista, na visão de Gramsci, vai além dos âmbitos econômico e político. Para o pensador italiano, seria necessária “uma nova cultura” que serviria como subsídio para a formação socialista na luta pela hegemonia. A partir desse momento, importa-nos trazer à luz dois conceitos-chave gramscianos para a compreensão da organização da cultura, a saber: os intelectuais e a escola unitária. Esses elementos, que iremos apresentar a seguir, evidenciam os agentes da difusão dessa “nova cultura” e o espaço onde a transformação cultural pode ocorrer.

Gramsci (2001) caracteriza os intelectuais de acordo com a atividade intelectual exercida nos contextos sociais, influenciada pelas necessidades políticas e sociais. Para o autor, os intelectuais desempenham função central na manutenção da hegemonia de uma classe dominante, pois essa dominação se concretiza não apenas pela coerção ou pelo controle econômico, mas também por uma influência cultural e intelectual sobre a sociedade. Dessa forma, ele explica o que segue:

cada grupo social, nascendo no terreno originário de uma função essencial no mundo da produção econômica, cria para si, ao mesmo tempo, de um modo orgânico, uma ou mais camadas de intelectuais que lhe dão homogeneidade e consciência da própria função, não apenas no campo econômico, mas também no social e no político [...] (Gramsci, 2001, p. 3).

Sob esse raciocínio, podemos considerar que, de alguma forma e em algum nível, todos são intelectuais, uma vez que partilham e transmitem uma determinada concepção de mundo. Os intelectuais têm, portanto, função crucial na organização cultural e na formação do consenso de uma classe social, pois são os responsáveis por produzir e disseminar conhecimento, ideologia e cultura na sociedade, articulando e consolidando, dessa forma, uma determinada visão de mundo. Sendo assim, o autor destaca o que segue:

em suma, todo homem, fora de sua profissão, desenvolve uma atividade intelectual qualquer, ou seja, é um "filósofo", um artista, um homem de gosto, participa de uma concepção do mundo, possui uma linha consciente de conduta moral, contribui assim para manter ou para modificar uma concepção do mundo, isto é, para promover novas maneiras de pensar (Gramsci, 2001, p. 7-8).

A função dos intelectuais não reside apenas na organização e difusão da cultura. Gramsci assevera que essa classe também tem papel substancial na transformação social, pois é responsável pela construção de uma nova hegemonia (contra-hegemonia) que irá expurgar a hegemonia da classe dominante, criando subsídios para uma revolução cultural, fomentada por uma nova "consciência de classe" que será organizada política e culturalmente pelos intelectuais. A esses eventos, o teórico dá o nome de "crise de autoridade", na qual a classe dominante perde o controle de liderar cultural e ideologicamente, passando a exercer sua autoridade apenas pela via da coerção, e, assim, descreve o conceito:

o aspecto da crise moderna que se lamenta como "onda de materialismo" está ligado ao que se chama de "crise de autoridade". Se a classe dominante perde o consenso, ou seja, não é mais "dirigente", mas unicamente "dominante", detentora da pura força coercitiva, isto significa exatamente que as grandes massas se destacaram das ideologias tradicionais, não acreditam mais no que antes acreditavam, etc. (Gramsci, 2017, p. 195).

A crise de autoridade, na perspectiva do autor, é uma ocasião fundamental na luta de classes, pois revela as fragilidades de um regime, abrindo caminho para uma transformação revolucionária, cuja nova visão de mundo desafia a antiga ordem. Segundo o pensamento do filósofo italiano, não podemos, portanto, entender que a cultura seja neutra. Ela é entremeada pela ideologia de uma determinada classe. Por isso, o espaço que se eleva frente a outras instituições na difusão dessa cultura é a escola.

Gramsci propõe, assim, a ideia de escola unitária, uma instituição educacional que tem por objetivo principal fornecer uma formação geral e humanística. Esse tipo de formação, para o intelectual, é caracterizado principalmente pelo pensamento crítico, pelo sentido de cidadania e pela autonomia moral. Tais características são imprescindíveis para a formação integral e ética de um indivíduo que, além da consciência de seu papel produtivo na sociedade, também possua a capacidade de refletir criticamente sobre a realidade circundante. Aqui o autor justifica e esclarece sua proposição:

eis porque, na escola unitária, a última fase deve ser concebida e organizada como a fase decisiva, na qual se tende a criar os valores fundamentais do "humanismo", a autodisciplina intelectual e a autonomia moral necessárias a uma posterior especialização, seja ela de caráter científico (estudos universitários), seja de caráter imediatamente prático-produtivo (indústria, burocracia, organização das trocas, etc.) (Gramsci, 1982, p. 124).

Logo, entendemos a escola unitária gramsciana como uma integração entre o trabalho intelectual e o técnico, que ultrapassa as paredes da sala de aula. O princípio unitário objetiva a união entre teoria e prática e a transformação das instituições culturais, proporcionando uma redefinição nas relações entre conhecimento e ocupação e remodelando a organização do trabalho na sociedade.

Ao preconizar os princípios da escola unitária, Gramsci também aponta as falhas do sistema educacional tradicional, que favorece uma elite tecnocrática e especializada desprovida de visão crítica do mundo. Dessa forma, ele defende que, para evitar a alienação do indivíduo, transformado em instrumento pelo sistema produtivo, faz-se necessária uma educação humanista, esclarecedora, emancipatória e ética.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

À vista do exposto, a educação, sob uma análise ética e humana, revela-nos uma necessidade premente de uma transformação dos seus paradigmas, que, muitas vezes, são moldados por ideais neoliberais, como o individualismo e a competitividade, os quais visam apenas à hegemonia da classe econômica dominante. Vimos que pensadores, como Kant, Adorno e Gramsci, nos alertam sobre a importância de uma educação que promova o desenvolvimento moral dos indivíduos, a necessidade de uma educação emancipatória e a promoção de uma formação reflexiva e crítica.

A escola deve ser um espaço de formação integral, onde o educando receba, além de uma qualificação profissional, uma formação cidadã ética e consciente de suas atribuições dentro da sociedade. O conceito de esclarecimento, proposto por Immanuel Kant, e depois retomado por Adorno, apresenta-se como um dos objetivos da formação humana, pois é por meio dele que o homem pode se libertar intelectual e moralmente. Para alcançar esse estado esclarecido, Kant assevera que a educação é o instrumento pelo qual o homem, desde sua primeira infância, disciplina suas inclinações naturais e se prepara para uma autonomia moral e racional.

Assim como Kant, Theodor Adorno também compreende a educação como meio para o esclarecimento e para a emancipação individual e coletiva – isto é, a libertação do homem e da sociedade de um sistema de dominação e opressão. Adorno reflete que a sociedade se encontra em um estado de barbárie, marcado pelo retorno a uma violência primitiva, e que a desbarbarização só pode ser alcançada por meio da educação.

O conceito de intelectuais e a proposta de uma escola unitária, formulados por Antonio Gramsci, complementam uma compilação de princípios e fundamentos filosóficos que celebram a concepção de uma educação ética, integral e coletiva ao aliar conhecimento e prática de forma igualitária e humana. Assim, as teorias dos pensadores apresentados neste estudo revelam-se atemporais, pois suas contribuições se tornam atuais em face das graves e profundas adversidades que a educação contemporânea tem enfrentado.

Por fim, é imprescindível que possamos refletir sobre o verdadeiro papel do Estado e do seu compromisso com políticas públicas educacionais que tenham como objetivo uma educação humana, ética e integral, desafiando estruturas de poder hegemônico. Somente uma proposta de educação verdadeiramente transformadora será capaz de formar indivíduos questionadores e críticos de um mundo mais humano e solidário.

REFERÊNCIAS

14

ADORNO, Theodor W.; HORKHEIMER, Max. **Dialética do esclarecimento**: fragmentos filosóficos. Tradução de Guido Antonio de Almeida. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1985.

ADORNO, Theodor. **Educação e emancipação**. Tradução de Wolfgang Leo Maar. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1995.

ALMEIDA, Leandro Cabral de. Da Sardenha à revolução proletária: breves notas sobre socialismo e cultura no pensamento do jovem Gramsci. **Revista IDEAS**, Rio de Janeiro, v. 14, p. 1-24, jan./dez. 2020.

COUTINHO, Carlos Nelson. **Gramsci**: um estudo sobre seu pensamento político. Rio de Janeiro: Campus, 1992.

GRAMSCI, Antonio. **Cadernos do cárcere**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2001. v. 2.

GRAMSCI, Antonio. **Cadernos do cárcere**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2017. v. 3.

GRAMSCI, Antonio. **Os intelectuais e a organização da cultura**. Tradução de Carlos Nelson Coutinho. 4. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1982.

KANT, I. Resposta à pergunta: o que é esclarecimento? *In*: KANT, I. **Immanuel Kant**: textos seletos. Petrópolis: Vozes, 1985.

KANT, I. **Sobre a pedagogia**. Tradução de Francisco Cock Fontanella. 2. ed. Piracicaba: Editora Unimep, 1999.

MONTEIRO, I. B. S. ; LOPES, Fátima Maria Nobre. Desenvolvimento moral na escola numa perspectiva kantiana. *In*: LOPES, Samuel Nobre *et al.* **Temas de filosofia, educação e ensino**: aportes teóricos e práticos. Curitiba: CRV, 2023. p. 69-76.

NOBRE, Marcos. **A teoria crítica**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2004.

Recebido em: 11 abr. 2025.

Aceito em: 16 jul. 2025.